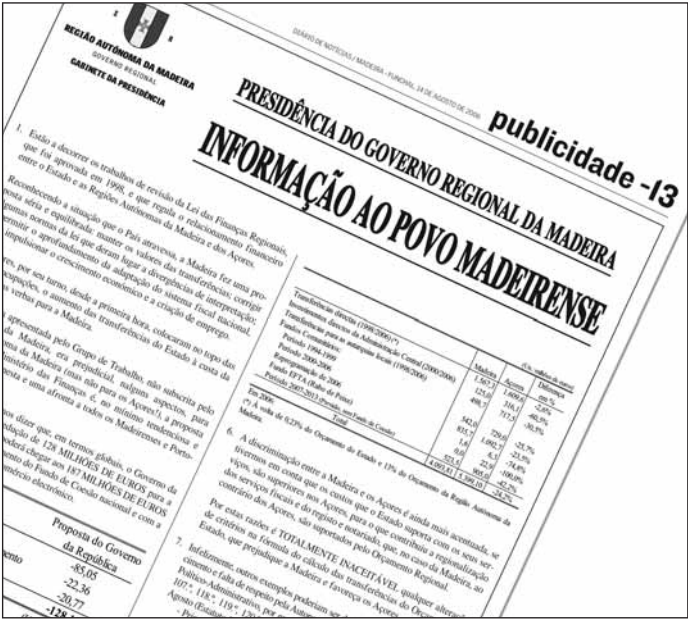


"O Jornal": "órgão do eurocomunismo saloio"; "Expresso": "boletim oficioso"; "Semanário": "facção da não-esquerda"; "Público": "folha do retalhista"; "Diário de Notícias" de Lisboa: "Acção Socialista n.º 2"; DIÁRIO: "Jornal-divã", "oficioso do PS"



O extinto "O Jornal" (cartoon aqui reproduzido) foi dos órgãos que mais veementemente reagiram às acusações de Jardim à Comunicação Social quando da mancha de crude que atingiu o Porto Santo. O Presidente da Madeira acusava a RTP de prejudicar o turismo regional ao divulgar as imagens das zonas devastadas pela maré poluidora. Idem com os jornais que enviaram repórteres ao local. Novo conflito.



Jardim queixa-se de estar a ser perseguido há 30 anos pela Comunicação Social. Diz que jornais e televisões escondem a sua obra. Que deturpam as suas declarações. Que facilitam a vida à oposição. E chama nomes a directores e jornalistas. "Vigaristas", "avençados", "de cócoras perante Lisboa", "escribas", "serventuários", "bufos-queixinhas", "colaboracionistas". Impõe-se a conclusão de que não há Estado de direito. Porque: ou é verdade o que o Chefe do GR diz e jornais como este o perseguem continuamente, o que é crime; ou não é verdade e o Presidente faz acusações sem as provar, quando, ao contrário, o autor de "ofensas" ao Presidente é levado a tribunal. Equação para a Justiça resolver de uma vez por todas.

O GR divulgou como publicidade paga um texto sobre as Finanças Regionais. Alegando que as redacções "controlam" os comunicados e era conveniente a publicação na íntegra. Paga. Mais perseguição? O próprio Presidente diz que não, neste caso. "As redacções fazem o seu papel de trabalhar os comunicados, o que é um controlo, mas não negativo, trata-se de destacar o que acha ter interesse", disse ao DIÁRIO.

roga o primeiro-ministro da "batalha da produção": porquê o ódio ao "Expresso", ao "Tempo" e ao "Jornal Novo", "os grandes pilares da liberdade de imprensa neste País"?

A Assembleia Regional estreia-se a 19 de Julho de 1976, disponibilizando uma tribuna para o combate de Jardim, enquanto líder parlamentar do PSD. Os Verões na Região continuam quentes. Carros de dirigentes de esquerda incendiados e destruídos à bomba pelas milícias da FLAMA, embaladas no lema "venceremos, madeirenses, unidos vamos lutar".

AS NOTAS OFICIOSAS

Em Março de 1978, Jardim passa do Parlamento para a Presidência do Governo Regional. Na prática, é o salto da Comunicação Social para o Poder, já que deixa a Direcção do JM. Sem perda de tempo, faz aprovar na Assembleia o decreto regional número 17/78/M de 29 de Março que lhe permite obrigar todos os órgãos a pu-

blicarem as suas "notas oficiosas". Na íntegra e em tempo útil. Logo nesse Verão 78, o PSD organiza festa rija no Paul da Serra para comemorar o 4.º aniversário do partido. Com missa campal, foguetório, banda, folclore e barracas de comes-e-bebes. E comício. Sá Carneiro, depois de uma intervenção fundamento-regionalista de Egídio Pita, assiste atónito a um discurso de Jardim que ficará para a história: classifica de "efeminadas" as Forças Armadas de Portugal. Escândalo nacional, envolvendo o Presidente Eanes, os militares e o primeiro-ministro Mário Soares (que cairá dias depois), todos unidos na postura de "profundo desprezo" ante as "manifestações injuriosas" do presidente da Madeira.

INCITAMENTO À OCUPAÇÃO DA RTP

Não passa despercebida outra situação criada por Jardim, esta relati-

va à televisão estatizada, a de incitar os milhares de presentes no Paul da Serra à ocupação das instalações então nas Maravilhas. O jornalista Ribeiro Franco, de serviço no Paul pela RTP, sente-se em perigo perante os ânimos exaltados da multidão. Não faltam, também neste caso, as reacções críticas aos níveis regional e nacional, falando-se da "irresponsabilidade" de Jardim e do incitamento ao "crime". Para contrapor, Jardim usa tempo de antena na RTP e faz sair uma das suas "notas oficiosas". Numa palavra, diz que andam com manobras de diversão, "deturpando" declarações suas, para desviar as atenções populares da crise nacional. Também a Assembleia Regional, com a sua absoluta maioria laranja, condena a "cabala organizada contra a Madeira".

O Verão de 1979 atingirá "temperaturas" igualmente elevadas. Enquanto o Continente desliza para a AD (PSD, CDS e PPM), Jardim con-

tinua a atacar na Região, agora na atmosfera do II Congresso do PSD-M, participado por Sá Carneiro, Natália Correia e António Capucho. Ao passo que um mar de novos militantes aproveita a maré laranja, Jardim mostra forças para obrigar a Administração da agência de notícias ANOP a mudar de delegado/jornalista (Hélder Guerra) na Região, no meio de uma polémica com o grupo de trabalho enviado ao Funchal para analisar as razões dos protestos do Presidente insular.

"PROVOCADOR POLITICAMENTE INCORRECTO"

Provocador assumido no seu "politicamente incorrecto", Jardim alastra o azedume na guerra contra o Continente. Provocações: abstenção nas Presidenciais Soares-Basilio. "Não" ao luto por Machel. Recepção aos Bothas. Ofensas à Assembleia da

República no Carnaval. "Nem um tostão para Timor". Guterres "aldrabão". Estado "mafioso". Ernâni Lopes "nazi". Madeirenses-povo superior. A "televisão do Moniz" esconde as obras do Governo Regional para deslustrar o trabalho de Jardim.

Ante os contra-ataques de lá para cá ("Bokassa", "palhaçada na Madeira", "já chegámos à Madeira?", "défice democrático", "a Madeira que se torne independente", "cada madeirense deve 11 contos ao Continente", "sorvedouro dos dinheiros dos continentais"), Jardim nunca deixou de responder. Com treino regional diário... contra o DIÁRIO. A longa história que se conhece, até ao recrutamento do contencioso nos últimos anos. Agora mesmo, foi lançada para cima da mesa a ameaça de um corte de negociações empresariais entre administrações de jornais... por causa do trabalho editorial.

Se existe, o Estado de direito está em défice.